

HOMENAGEM HOMAGE

JEAN PAUL SARTRE

Quando do falecimento de Jean Paul Sartre, no dia 15 de abril último, a tônica das numerosíssimas manifestações a seu respeito, vindas das mais diversas reações, esteve principalmente na extraordinária figura humana que desapareceu, nas controvertidas propostas teóricas de que foi o autor. Juntando-nos a essas homenagens, sensibilizamos o fato de poder lembrar que Sartre, em sua visita ao Brasil, em 1960, esteve também em Araraquara, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje integrada na UNESP, onde manteve prolongado contato com os estudantes e proferiu conferência sobre um tema particularmente relevante para a compreensão de seu pensamento: a compatibilização entre a subjetividade e a prática social, que implicava no estabelecimento de continuidade entre suas teses existencialistas e os problemas do marxismo então em discussão. Consideramos também oportuno acentuar um aspecto da obra de Sartre que nos parece fundamental, e que foi pouco acentuado. Tendo diante dos olhos o conjunto completo dessa obra e dessa vida podemos ver, com toda clareza, a que ponto Sartre, tanto no seu momento fenomenológico quanto no de sua adesão ao universo do marxismo, tanto em sua produção filosófica como em sua produção literária e especialmente em sua prática, moveu-se sempre nos limites do que poderíamos denominar, usando a palavra em um sentido clássico, "humanismo". O homem foi sempre seu

objeto de reflexão, sua grande preocupação e seu fim último; o homem enquanto participante, com os outros, da dura luta pela sobrevivência e pela atualização da liberdade; as emoções e sentimentos humanos; a racionalidade; a moral; a política. Filósofo — ou, como ele queria, ideólogo — e não cientista, ele não pode por isso ser ignorado ou esquecido por aqueles que, tendo como ele, no homem o foco de suas atenções, optaram pela perspectiva científica. Talvez para refutá-lo, talvez para aprender algo com ele, mas com a consciência de que, ao trilhar alguns dos caminhos mais importantes abertos ao pensamento do século XX, sem jamais aceitar ser um puro teórico, Sartre nos deu um exemplo de sabedoria e coragem sobre o qual sempre valerá a pena refletir.

PEDRO CALIL PADIS

No dia 29 de abril último faleceu, repentinamente, aos 41 anos, Pedro Calil Padis, querido professor do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, afastado pelo Ato Institucional nº 5, em 1969, e recentemente reintegrado ao Departamento de Economia.

Bacharel em Ciências Econômicas pela USP em 1961, foi professor da PUC de São Paulo e de Campinas, da Fundação Getúlio Vargas, da Faculdade de Economia de Piracicaba e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. O ato institucional que o atingiu em 1969 privou-o do que ele considerava a sua atividade mais impor-

tante: a de ensinar. Apesar disso, prosseguiu sua atividade profissional, continuou junto ao CEBRAP seu trabalho de pesquisa sobre o Paraná, apresentado como tese de doutoramento na PUC de São Paulo, em 1970, sob o título: "Formação de uma Economia periférica: O Caso Paranaense".

Esse trabalho, a ser publicado pela HUCITEC, além de constituir uma exaustiva e muito bem realizada pesquisa a respeito do desenvolvimento histórico — econômico do Paraná é fundamentalmente, um estudo do processo de desenvolvimento brasileiro. O que está em pauta é a presença e a ação de uma economia regional na constituição recente daquele desenvolvimento. Como se vê, o Professor Calil trata, em seu trabalho, de questões complexas, especialmente, a que se refere à integração dialética do regional com a estrutura geral do desenvolvimento brasileiro. Ao dar conta, com rigor e clareza, desta questão — no que reside o grande mérito do trabalho — o autor nos mostra a importância dos polos regionais aparentemente autônomos, para a formação de uma economia nacional. É assim que é entendido o processo de industrialização polarizado em São Paulo.

Deve-se ressaltar a postura metodológica do trabalho, qual seja, a de estar ao lado da História. A bem arquitetada pesquisa histórica realizada a respeito da formação do Paraná, tornou possível um bom conhecimento e entendimento da área, matizada em minúcias, no que possui de específico — caso das três regiões do Paraná, por exemplo — ao mesmo tempo que possibilita a apreensão, pela história, da questão da dependência. A obra torna possível o entendimento da mudança da subordinação daquela área, antes ao exterior,

agora ao polo mais dinâmico da industrialização brasileira.

Por isso, o que temos como resultado do estudo é, ao lado de uma das melhores, senão a melhor História Econômica do Paraná, uma proposta de interpretação evidenciando a importância da análise fundamentada na observação do desenvolvimento histórico econômico regional e da constituição de uma economia nacional.

Considerando que nem sempre os estudos a partir da visão regional, no Brasil, dão conta das articulações regionais com o conjunto, o trabalho de tese do Professor Pedro Calil Padis constituiu na época em que foi escrito (1970) e constitui ainda hoje uma contribuição em termos de perspectiva de análise.

Após a defesa de sua tese, em 1970, transferiu-se para a França onde, em curto espaço de tempo, conseguiu a mesma estima e sucesso na carreira de professor e pesquisador nas Universidades de Reims, Nanterre e Sorbonne-Paris. Foi ainda diretor do Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social (IEDES).

De volta ao Brasil, em 1977, reiniciou a sua atividade de professor junto à Fundação Getúlio Vargas - S.P. e à PUC de São Paulo, onde se tornou coordenador geral dos cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Economia e Administração. Exerceu ainda atividades de consultoria junto ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) e à Hidroservice. Reintegrado ao ILCSE de Araraquara, não chegou a iniciar as suas atividades docentes.

Seus principais trabalhos foram: América Latina após 50 anos de Industrialização (Ed. HUCITEC) e Fronteira Agrícola e Evolução da Produção no Brasil.

Essa intensa atividade docente e de pesquisa ligava-se, profundamente, com a visão de mundo de Calil. No dizer de Paul Singer, a convite de quem, em 1966, Calil passou a trabalhar em nossa Faculdade: “trabalho e militância para ele, tendiam a se fundir numa mesma atividade. O aprendizado de economia não era para ele a mera aquisição de

um instrumental profissional, mas a conquista de meios para entender uma realidade que era preciso mudar a qualquer custo. Os estudantes perderam um mestre querido, os professores perderam um colega e um líder. Os que se engajam nas lutas pelos direitos do povo perderam um fiel e valoroso camarada”.